

An illustration of a woman with dark hair, smiling and reading a book. She is sitting at a table with an open book and a lantern. The scene is set at night with many glowing lanterns hanging from strings. The background shows a building with a porch and a starry night sky.

# SONHOS POÉTICOS

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES  
VOL. III

CONTOS  
E POEMAS

**ORGANIZADORES**

# **ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-53732-0**

**2025**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

PAZ EM MIM, POR BELLE, PÁG. 05

SONHAR, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 08

INSONE VIAGEM, POR MOIRA, PÁG. 10

CARTAS QUE NUNCA FORAM ENVIADAS, POR RENATA SANTIAGO, PÁG. 12

ENTRE AS FADAS, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 17

LIVRE-ARBÍTRIO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 25

FUGA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 28

A PAZ QUE SE PROCURA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 30

INDOLORES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 32

SOPINHA DAS SEIS, POR SILMARA RETTI, PÁG. 34

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 38

# SONHOS POÉTICOS

ADEMIR PASCALE E ELENIR ALVES

VOL. III

CONTOS  
E POEMAS

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Paz em Mim

Por Belle

Curando-se dia após dia, Isabelle é uma jovem de apenas 21 anos que prefere passar seu tempo com seus gatinhos, lendo, assistindo doramas ou, muitas vezes, apenas se imergindo no universo dos animes, ao invés de se arriscar em interações sociais.

Na escrita, busca maneiras de entender e expressar seus sentimentos, além de trabalhar em um escritório de Gestão de Ponto de Venda, em busca de estabilidade.

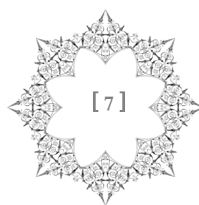
*na praia, onde o sol brilha e faz-se ouro,  
meus gatos, em corpos de mistério e fervor,  
cavam a areia com olhos atentos,  
ouvindo o mar que sussurra seus lamentos.*

***Akira**, um pouco distraída, mas ágil,  
segue o vento ligeiro,  
o coraçõzinho leve como o mar, tão verdadeiro,  
e o **Billy**, sábio, mas introspectivo,  
observa a paz,  
sentindo o peso do tempo em suas patinhas.*

*a caixa de areia, a maior que já viram,  
e o som do mar, como um abraço que gira,  
eram seus brinquedos, seus sonhos a brilhar,  
por um dia, livres, sem nada a amarrar.  
E eu, quieta, entre o céu e o mar,  
desenharia com os olhos o que poderia **viver** —  
nosso trio na areia, sem pressa de partir.  
Apenas vivendo, sem palavras a insistir.*

*quando falamos de “sonhos”,  
seja ele qual for,  
digo com firmeza: eu nunca tive um,  
mas ao escutar sobre “sonho poético” —  
daqueles feitos de fantasia e amor,  
onde o sol nos aquece com o seu calor,  
e a noite nos abraça, como a vida,  
transformando tudo em graça,  
naquele mar, com suas ondas suaves  
a nos ensinar os segredos;*

eu penso, então, que *na praia, ao lado deles,*  
***seria o meu lar, meus enredos,***  
***meu sonho poético sem fim,***  
***onde a paz, portanto, encontra o seu lugar em mim.***



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Sonhar

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de Contos, Didático e Dissertação sobre Arte. Textos em Antologias e Revistas Eletrônicas - Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



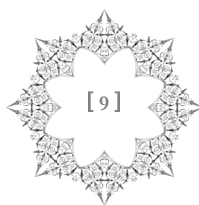
Sonhar é como voar nas asas do vento.  
É libertar a alma e livre deixar-se levar...  
Sussurrar segredos que vem de dentro,  
um convite ao mundo para nos ouvir.

Sonhar é como um pássaro a flutuar...  
Desnuda toda a inibição da nossa alma.  
Permite sempre ao coração se revelar,  
expressa a intenção numa doce canção.

Na dança suave da nossa imaginação...  
A realidade cede ao brilho do querer.  
O mundo inteiro parece que renasce,  
com a doçura de uma nova criação.

No silêncio da noite, continuam a brilhar...  
Os sonhos que com fervor todos tecemos,  
com as cores da esperança a nos guiar,  
para pintarmos o amanhã cheio de amor.

É na arte dos sonhos que vamos encontrar  
a coragem para enfrentar todos os medos...  
Despertar a força interior, que nos renova  
e deixa caminhos abertos entre segredos!

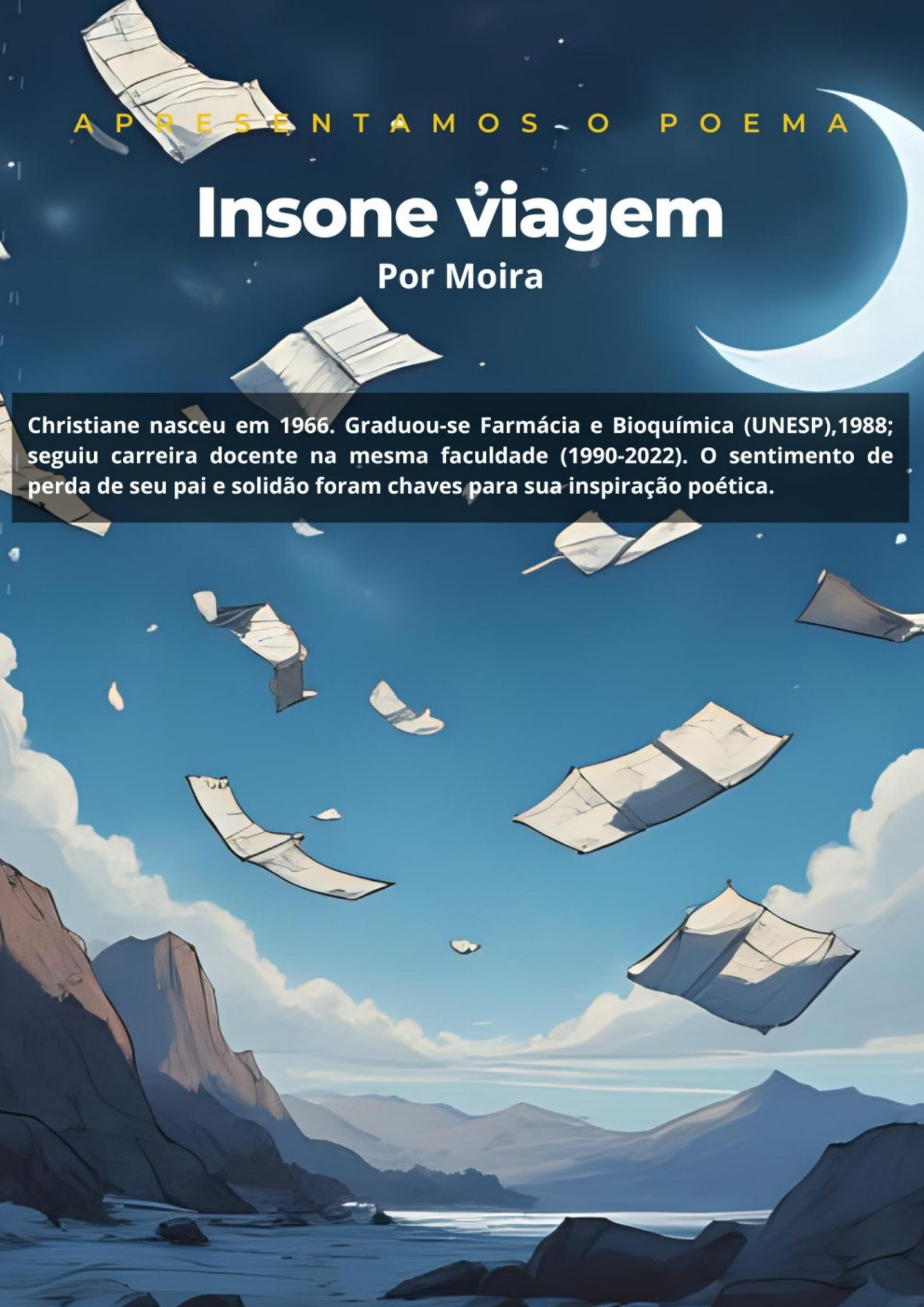


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Insonne viagem

Por Moira

Christiane nasceu em 1966. Gradou-se Farmácia e Bioquímica (UNESP), 1988; seguiu carreira docente na mesma faculdade (1990-2022). O sentimento de perda de seu pai e solidão foram chaves para sua inspiração poética.



Solitário tilintar

Incessante: tlim, tlim

Uma gota do alto aponta

Vem suicida – mergulha

Caindo sonora noutra vida

– O cuco: já são meia-noite –

A mente inquieta, revira na cama

O som...

Pergunta-se a cada instante

Este é o fim de tal constante?

Se é útil a nova guarida?

No alto traça planos incríveis

A seu ver, parecem plausíveis

Na queda tem forças invisíveis. Neste seu caminho, o das águas

Por final, ao chegar compreende

Sua sina, seu decisivo rumo

— Afogar-se!

Na pilha de louça suja.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Cartas que nunca foram enviadas

Por Renata Santiago

Formada em Letras e Pedagogia, nasceu na capital paulista e sempre foi apaixonada por livros, escrita e o universo das palavras. Gosta de dias chuvosos, do frio do outono e das pequenas delicadezas cotidianas. Mãe dedicada, encontra inspiração na maternidade e nas experiências do dia a dia. Escreve para transformar sentimentos em histórias e acredita que a literatura é abrigo e ponte para novos mundos.



Paola engoliu seco antes de empurrar a porta que rangeu, como se reclamasse por ter seu sono interrompido.

O quarto exalou um perfume antigo – uma mistura de carvalho, papel e lembranças adormecidas, era como se cada objeto aguardasse, em silêncio, por sua volta.

Assim como sua mãe, que mantivera o quarto intacto, era um lembrete silencioso de que, um dia, ela voltaria.

Paola havia fugido da dor. Aquele garoto de seis anos na sala ao lado tinha devolvido ar aos seus pulmões.

Uma década longe de casa havia lhe proporcionado experiências únicas que já não faziam mais sentido.

A angústia ainda apertava seu peito, a morte de seu marido forçou-a a voltar para aquela cidadezinha no interior de São Paulo.

Ali parada, sentia o batente da porta de madeira crua pressionando a pele de seu ombro. Cada lembrança, cada sonho, cada promessa que ali haviam nascido e morrido.

O baú de madeira, feito pelo pai, escondia-se no canto do quarto, ainda enfeitado com adesivos de estrelas que na época brilhavam no escuro.

Seus passos até o baú ecoaram de maneira familiar. Um refúgio por ela abandonado, voltou a sua completude com seu retorno.

Algo roçou seu quadril quando esbarrou na cama. O azul-claro do suéter piscou diante dos olhos. De repente, ela tinha dezenove anos outra vez, *primavera, fim de tarde. O tilintar da campainha fez o coração disparar.*

*— Lola, chegou pra você. Os pés leves deslizaram pelo assoalho encerado. O pacote de papel pardo, vindo de Girona, trazia a caligrafia inconfundível de Alonso.*

*— É dele, mãe! Atirou-se na cama, o colchão cedeu sob a ansiedade. Apertou o pacote, dedos trêmulos, o peito vibrando entre alegria e receio. O papel se abriu, revelando o azul e, junto, uma onda de lembrança e saudade.*

*— Eba! Uma carta.*

Sentiu, no peito, algo antigo acordando.

Alonso se foi, levando com ele todos os seus sonhos de adolescente.

Riu de si mesma e se aproximou do baú. “Deixe de besteira, Paola. Lembra por que você voltou para o Brasil? Jacob, seu filho. Acorda!”

Passou os dedos pelos adesivos de estrelas, que estavam opacos, descolando aos poucos.

A tampa do baú gemeu — um espreguiçar preguiçoso depois de tantos anos adormecido.

O doce perfume amadeirado preencheu o ar. Ali dentro, o tempo parecia ter parado.

O álbum de fotos — “Nossos momentos. A&P”, escrito na capa por ela.

Sorriu, mas não o abriu.

Tirou algumas revistinhas de dicas para adolescentes, uma pasta com fotos de bandas de rock que embalaram seu ensino médio.

Prendeu a respiração ao tocar a caixa azul-marinho. Os elásticos amarelados pelo tempo guardavam lembranças doloridas.

Ali estava a primeira — e única — carta de Alonso que ela teve coragem de abrir, depois que ele se mudou com os pais.

Girona, 16 de abril de 2003.

"Oi, Lola. Que saudade estou de você. Como está tudo aí?

Eu estou bem. Ainda com jet lag, mas logo passa. A cidade é muito bonita, fica próxima ao litoral.

Encontrei este suéter em uma feirinha de produtos artesanais. Achei que você poderia gostar. Você gostou?

Minha mãe te mandou um beijo. Meu pai ainda acha que deveríamos ter terminado antes da mudança. Ele insiste que eu não deveria namorar. Fica dizendo que tenho que me empenhar nos estudos.

Ele não sabe nada sobre a gente. Eu te amo mais que tudo.

Vou trabalhar e te trazer para ficar comigo. Sei do seu sonho de conhecer a Alemanha. Eu quero te levar para conhecer Munique.

Me manda uma foto sua usando a blusa, hein?

Assim que eu organizar tudo e instalarem a internet aqui em casa, te chamo no MSN. O que seria da gente sem ele, né?

Manda um beijo para sua mãe. Diga ao seu pai que tem uma cidade aqui — Costa Brava — onde ele ia gostar de pescar.

Lô, não vejo a hora de estarmos juntos novamente. Vamos fazer tudo certinho. Oito meses passam rápido.

Te amo. Sempre seu, Alonso."

A velha angústia apertou a garganta. Ainda lhe faltava coragem para abrir as outras cartas.

Chegou a escrever algumas, mas nunca enviou.

Culpava Alonso por ter ido embora. Só depois percebeu que, aos dezenove anos, nenhum dos dois tinha controle sobre o mundo.

Os planos de “gente grande”, como eles costumavam falar quando sonhavam com o futuro perfeito juntos, deitados na grama do quintal da casa enquanto brincavam de adivinhar desenhos nas nuvens.

Paola segurou o maço de cartas. Não tinha coragem e nem via o porquê de abrir.

Não queria se arrepender de não ter lido. Relendo aquela já tinha deixado um vazio do tamanho do amor que sentiu por ele um dia.

Ele havia sido seu primeiro e único amor. Ela nunca superou sua partida.

Por três vezes viajou de Berlim à Barcelona, esperando encontrá-lo.

Mudou de e-mail por causa do intercâmbio, que, por um golpe de sorte se inscreveu de última hora e foi escolhida.

Aconteceu tudo muito rápido, e antes que pudesse falar com Alonso, ela recebeu uma carta do senhor Sílvio, pai dele.

Lembra do ruído que a carta fazia enquanto queimava antes mesmo de abri-la. Ela já imaginava o que ele teria escrito.

Viu um rapaz saindo com a caminhonete de seu pai da garagem. Ele havia vendido para ajudá-la, além de resgatar suas economias no banco.

Ela sentia que estavam fazendo muito sacrifício por um sonho que nem era deles.

Talvez nem fosse o dela.

– Você não vai perder essa oportunidade, filha.

Em um abraço apertado e lágrimas nos olhos. Sua única filha estava indo para longe.

Porque, ao contrário de Alonso, seu pai era um trabalhador do campo assalariado, que recebia pouco mais de dois salários mínimos por mês.

Tinha certeza de que esse era o principal motivo pelo qual o pai de Alonso não queria que ficassem juntos.

Seu marido, Johnn, era um homem maravilhoso. Tinha lhe dado uma vida de princesa, mas ela nunca sentiu borboletas no estômago quando estavam juntos.

Ela o amou à sua maneira.

Ele sabia que ela não o amava, sabia também que não tinha muitos anos de vida devido ao seu problema no coração. Johnn amou pelos dois.

– Mama, mama. A vovó está chamando. O padre Tiago tem uma surpresa.

O amor tinha voz com sotaque e pouco mais de um metro.

Johnn fez questão que seu filho soubesse falar português.

Ela recolheu as memórias que doíam tanto. ‘Depois vejo o que faço com vocês’, murmurou, limpando pequenas lágrimas de saudade. Aprumou-se.

O som da porta se fechando ecoou pela casa.

Na igreja, tudo continuava igual à última vez que serviu antes de partir para a Alemanha.

O padre Tiago estava do mesmo jeito que se lembrava. Suas palavras ainda sabiam confortá-la mesmo sem ela dizer nada.

– Hoje preciso de você. Faça a primeira leitura.

Sua hora tinha chegado. Subiu no altar. Olhou para a Bíblia. E leu.

*"Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios — Ainda que eu fale todas as línguas humanas e angélicas, se não tenho amor, sou um metal estridente e um címbalo que tine..."*

Ergueu os olhos para a igreja.

E, antes de voltar a ler, encontrou aqueles olhos castanhos que há muito tempo não via. E suas mãos tremiam. Um leve sorriso escapou no canto de seus lábios.

\*\*\*

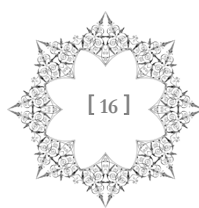
Ainda de cabeça baixa em oração, Alonso se perguntava qual seria a surpresa que o padre Tiago lhe reservava.

O tempo suspendeu o fôlego; o tic-tac do mundo lá fora perdeu o compasso. Aquela voz familiar.

Seus olhos foram mais rápidos que a consciência e encontraram-se com os belos olhos avelã de Paola.

Tentou conter a alegria. Um sussurro, um sopro de esperança — o sonho de tantos anos.

*"Finalmente eu te encontrei."*



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Entre as Fadas

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de trezentas e setenta e três antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)



*Chamo-me Ana Paula.*

*É uma sexta-feira de fim de julho.*

*O aproximar do crepúsculo tinge o horizonte de rubro.*

*Exausta após uma semana inteira de labuta no escritório, debruço-me sobre a sacada.*

*Pouco a pouco, a medida em que a tarde cede lugar à noite, as luzes brotam de outros apartamentos, da iluminação pública, dos veículos, das casas que resistiram ao crescimento urbano. São como lantejoulas ou estrelas caídas. Cada pontinho de luz com sua história e uma vida por trás dela leva-me a pensar. Enquanto inspiro a friagem de inverno, relembro vidas e histórias, mas não vejo lantejoulas ou estrelinhas. Nada disso. Eu vejo vaga-lumes! Sorrio sem vontade, movida pelo cansaço, pela saudade e pelo vazio de um tempo que há muito escoou ralo adentro.*

*— Vovò!*

*Vaga-lumes.,,*

*O olhar umedece.*

*Perco o foco das luzes.*

*Eu engulo em seco e, então...*

*Respiro.*

*Inspiro.*

*Suspiro.*

*E o tempo, apesar de irrefreável em seu curso, faz retornar distantes ecos para mim.*

\*\*\*

*Era outro finzinho de tarde.*

*De um outro inverno.*

*Outra aragem.*

Em vez do cenário urbano, Ana Paula se encontrava no campo, na propriedade do avô, ao lado dele sob a varanda. Embora fosse uma criança agitada, ela sabia haver naquele momento algo de solene, assim, permanecia quietinha junto ao idoso, fitando-o com ar interrogativo, vendo a respiração regular através do peito dele. Sempre se dera bem com o avô. Tinha ciência de ser a xodó dele, e Ana Paula via no pai de sua mãe um

verdadeiro rochedo em meio a um oceano de incertezas. Ele era um porto seguro e uma fonte inesgotável de sabedoria, embora mal tivesse completado o primário, o suficiente para saber ler e fazer contas, consoante dizia. Ora, ele entendia tudo sobre o sítio, a lavoura, as árvores, as ervas medicinais, as galinhas, os porcos, o canto dos pássaros, se iria chover ou fazer sol, se era época boa para plantar isso ou aquilo. Que professor podia dizer o mesmo? Quantos saberiam fazer sabão caseiro ou uma estaquia? Qual deles conseguiria cultivar melancias até ficarem doces feito mel? Quantos entendiam o linguajar dos cães e dos gatos? Sim, vovô José era um poço de conhecimento, conhecimento da vida, daquilo que, de fato, fazia-se mais necessário e, a seu modo, mais belo.

De repente, o semblante carregado de rugas se suavizou. O homem respirou audivelmente, esvaziando o ar dos pulmões. Mantivera o olhar preso ao horizonte, observando os últimos raios de sol e o lento desabrochar das estrelas. Agora, voltou-se para a neta, amoroso.

— Não está com frio, Aninha?

— Por enquanto não, vó Zé. Eu só...

Da escuridão, um "Uh! Uh!" foi ouvido.

Diante do olhar espantado da menina, ele falou:

— Não se preocupe, é apenas uma coruja pronta para caçar.

Apesar de suas palavras, Ana Paula se aconchegou mais perto dele.

Sem pensar, os dedos do velho passaram a brincar com os cachos louros da menina.

Então, pequeninas luzes começaram a piscar em meio à mata, agora às escuras. Moviam-se a esmo, descrevendo curvas, aparecendo, desaparecendo, bonitas de se ver.

— O que é aquilo, vovô?

— Aquilo o que, Aninha?

— As luzes! — apontou.

Com toda a ciência e lógica construídas ao longo de uma vida, a resposta “vagalume” surgiu na ponta da língua do idoso, contudo, antes que pronunciasse, alguma coisa dentro dele o impediu. Pensou, pensou... E se lembrou. Então, ecos de um passado de mais de meio século surgiram em sua mente quando, naquele mesmo local, a criança que o velho um dia fora fizera idêntica pergunta ao seu próprio avô. Assim, sorrindo, respondeu:

— Psiu! Fale baixinho, Aninha. Aquilo são fadas.

A menina arregalou os olhos, embasbacada.

— Fadas?!

— Sim, são mocinhas bem pequeninas com asas delicadas às costas feito libélulas ou borboletas. Como a Sininho de Peter Pan ou as três fadas da Bela Adormecida. Você sabe o que são libélulas?

— Parecem umas varetinhas de asas grandes e transparentes. O senhor me mostrou outro dia perto do lago, lembra?

O idoso anuiu.

— Oh! É verdade... Que cabeça a minha. A gente fica velho e a idade toma muita coisa de nós, inclusive a memória. Mas onde eu estava? Ah, sim, as fadas! Bom, Aninha, é isso, aquelas luzinhas são fadas. E elas brilham porque são criaturas mágicas da floresta. Vivem a voar de um canto a outro, sem sossego, xeretando ali e acolá, a piscar umas para as outras. Vão atrás de pequenas flores perfumadas que só desabrocham à noite.

— Sinto o cheiro do perfume! Por que piscam, vovô?

— Hum... Imagino que seja uma forma de comunicação. Não que elas não saibam falar, pois sabem. Porém, voando, ficam longe umas das outras e não seriam ouvidas nem se gritassem. Já piscando, podem fazer isso facilmente. Pense assim: se você tivesse uma lanterna e sua amiguinha do outro lado da rua também, as duas poderiam "conversar" mandando sinais com as lanternas uma para a outra. Inventariam um código: uma piscadela para "A", duas para "B", três para "C" e assim por diante. Ou poderiam misturar uma piscada curta e outra mais longa. Como no código Morse!... Não, não faz essa cara. Depois eu explico sobre esse código.

A criança fez uma careta. Falou:

— Vô Zé, não é mais fácil telefonar?

O avô sorriu e balançou a cabeça.

— Onde estaria a graça nisso? Ademais, sendo de noite, o falatório incomodaria os outros. Já a luz da lanterna — assim como o piscar das fadas — teria o gostinho do mistério e o encanto do silêncio. Vocês nem precisariam piscar muito. Só o fato de terem essa conexão exclusiva já diria tanta coisa! Bastaria uma piscadeela para dizer: "Ei, eu estou aqui e nós temos esse vínculo especial!" As maiores mensagens não necessitam de muitas palavras; às vezes, nenhuma.

Para ressaltar isso, ficou quieto por um momento, pedindo em gesto para que a neta também não falasse. Juntos, apreciaram o avanço da escuridão, o cintilar dos pirilampos e

o especial vínculo entre eles. Dedos calejados acariciaram os cachinhos dourados. Daquela maneira, Ana Paula apreendeu com um olhar tantas coisas que nem mil palavras descreveriam. Quando o respirar do velho voltou a se tornar audível e seu olhar se desgrudou da distância, a menina indagou:

— Nunca experimentou piscar pra elas?

— Hein?! Piscar para quem?

— As fadas, vovô. Nunca pegou uma lanterna e piscou pra elas?

O Sr. José surpreendeu-se com a perspicácia da neta. Ele nunca pensara nisso. Também pudera, por que o faria? Inventara a história das fadas naquele momento! Pensou depressa, sem deixar transparecer o engodo através do semblante ou do tom de voz.

— Não, Aninha, nunca fiz. É perigoso. Aqui é diferente da cidade. O problema não são as fadas, mas aquilo que se esconde por trás delas.

— Como assim?

— Em vez das fadas, você pode chamar algo mais que se esconde na escuridão.

— O-o-o que, vovô Zé?

A voz dele assumiu uma entonação mais grave:

— Tudo aquilo de que você tem medo quando a luz do quarto se apaga.

A criança fez uma expressão de espanto, não insistindo na questão.

O idoso não gostou das próprias palavras, tampouco se sentiu orgulhoso delas. Contudo, fora o melhor que viera a sua mente diante da preguiça em mover os ossos cansados e apanhar sua lanterna dentro de casa a fim de prosseguir na brincadeira.

Ana Paula ficou pensativa um longo tempo, observando com os outros olhos as trevas mais abaixo. Por fim, não resistiu e perguntou:

— Nunca pegou uma, vovô?

— Uma o quê, Aninha?

A menina apontou para adiante.

— Uma fada.

Mais senhor de si, o velho falou:

— Ah, não! Não se deve apanhá-las. Elas existem para serem livres, um espetáculo bonito de se ver, um presente de Deus, cintilando ali e acolá, como se algumas estrelas tivessem se desgrudado do céu para enfeitar a noite na terra. São como as flores, Aninha: por mais que os namorados presenteiem as namoradas com um buquê, em breve as flores murcharão porque foram cortadas do galho. É como pressagiar um amor bonito, porém,

pouco duradouro. É judiação. Melhor seria dar um vaso florido ou deixar as flores em paz nos campos e jardins, a fim de embelezar nossos olhos e alimentar as abelhas. Quanto as fadas, se as apanhássemos, elas não murchariam, mas, imediatamente, se transformariam em algo diferente: um inseto, para que não descobrissemos a sua verdadeira natureza.

— Mas o senhor sabe o que são...

— Esperta... Você é esperta... como a sua avó. Sim, eu sei porque, uma vez, aqui mesmo, fiquei deitado e adormeci. Quando o frio chegou e o sereno caiu, acordei. Naquele intervalo de tempo em que as pálpebras se levantaram, eu percebi, pelas fretas dos olhos, as fadas me rodeando. Vi como eram de verdade. No entanto, ao erguer o corpo, elas mudaram de forma e foram embora.

A boca de Ana Paula ficou aberta um bom tempo depois do "Oh!" que ela exclamou.

A medida que mais e mais estrelas desabrochavam no céu, o idoso contou várias outras histórias. Mencionou os fantasmas a perambular por entre a vegetação, principalmente nas beiras dos rios. Falou dos ruídos sorrateiros da floresta, do sussurrar do vento, da friagem que se insinuava por entre as árvores, deixando um rastro úmido em seu caminho. Narrou tudo sob um véu de maravilhas, mistério e assombro, enquanto os animais noturnos deixavam-se ouvir, gerando o tremor no corpo miúdo de Ana Paula. Ocasionalmente, um meteoro riscava o firmamento a fim de mostrar que a ausência de mudanças não passava de ilusão.

A criança que o velho foi jamais se esqueceu daquelas histórias, e, relembra-las várias décadas depois, foi motivo de nostalgia, felicidade e melancolia. E ele contou e contou tudo o quanto podia se lembrar naqueles momentos para a neta. Repassava assim, o seu legado, suas memórias. Falou sobre fantasmas a vagar pelas matas como luzes tênues, sobre sacis, curupiras, caiporas e outras criaturas extraordinárias. Deu sua peculiar explicação a respeito do nevoeiro, das sombras e do vento entre as folhagens, dos enigmas escondidos nas profundezas da floresta, de cavernas sinistras, de cidades perdidas, de tribos selvagens, de montanhas que tocavam as nuvens e de gigantesco animais pré-históricos.

Aninha a tudo absorveu, encantada, aconchegando-se mais ao avô, fosse pelo frio do inverno a chegar junto com o orvalho, fosse pelo medo que se infiltrou em seu espírito como a chuva ao ser absorvida pela terra. Mas se tratava de um temor de certo modo gostoso de sentir, pois via-se protegida perante a serenidade do velho e sua gigantesca figura.

E a noite fria se arrastou feito um riacho preguiçoso até chegar a hora de jantar.

A herança de antigas recordações foi repassada, o legado de uma vida, a preciosidade de fantasias e um estímulo à imaginação.

Medo.

Curiosidade.

Deslumbramento.

Enquanto a vida vindoura cuidaria de fazer germinar a aridez dos fatos, em algum cantinho da adulta que a neta iria se tornar guardaria para sempre aqueles momentos aquelas lembranças, aquele mundo idílico repleto de encantamento e seres maravilhosos.

\*\*\*

*O crepúsculo cede lugar à noite.*

*E o inverno avança nesta sexta-feira.*

*Sinto o frio se insinuar sob minhas vestes.*

*Sou tomada por uma miscelânea de emoções.*

*Faz vários anos que vô Zé se foi com suas histórias e, agora, quero crer estar na companhia dos seres mágicos com os quais povoou a mente da criança que fui.*

*Sequer o sítio existe mais, vendido, desmatado, aterrado, loteado, e incorporado à paisagem urbana da pequena cidade em crescimento, atualmente não tão pequena assim. Aquele mundo desapareceu, exceto dentro de mim, em minhas lembranças.*

*O cansaço se diluiu em meio às recordações. Ainda na sacada, continuo a observar as luzes da cidade, cada qual com suas próprias histórias e memórias.*

*"Não, não são luzes apenas, Ana Paula", corrige a criança dentro de mim em véus de maturidade. "São vaga-lumes. Melhor ainda... São fadas! E elas cintilam para você feito ecos longínquos a fim de que jamais se esqueça daquela outra noite perdida no torvelinho do tempo."*

*Respiro.*

*Inspiro.*

*Suspiro.*

*Então, eu sussurro:*

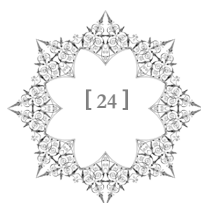
*— Vovô!*

*Lá estão as fadas.*

*Meu olhar torna a umedecer.*

*As luzes distantes voltam a perder o foco.*

*E eu me vejo pequena, ansiosa por um ombro que se foi.*



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Livre-arbítrio

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Poder ou não poder?  
Convém ou não convém?  
Fazer ou não fazer?  
É um "martelar" na consciência.  
Na capacidade de decisão... tudo a tremular...

Mas, tentemos esta "escolha" entender...  
Interligados a tudo que representa  
o que se concebe como "civilização",  
estariamos à norma, subordinados?  
Nas regras civilizatórias e hereditárias  
estaria o ser humano, aprisionado?

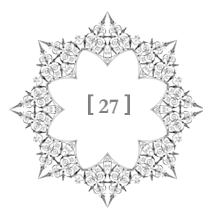
Nos confrontos, embates e dilemas,  
decisão individual e única, teria ou não?  
Parece termos que concordar  
- pelo menos em parte -  
com aqueles que dizem "não"...

Temos e não temos "livre-arbítrio" – afigura-se...  
Se entendemos "a liberdade de escolha"  
e claras nos são desse jogo, as regras,  
podemos ou não as seguir... porém...

O discernimento que ao chão nos joga  
e o coletivo que se sobrepõe ao indivíduo,  
parecem ser o "martelar" na cabeça,  
a cobrarem: "se não transgredirem a norma"...

Chamar então de "livre-arbítrio"  
o que livre não é,  
má interpretação ou subterfúgio, não seria?

Se pela inegável submissão,  
controlado está o "livre juízo",  
talvez este seja apenas  
um criativo e milenar engodo.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Fuga

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Estou vendo filmes demais

- não quaisquer uns; escolhidos, é claro!

Estou sempre aberta para diversões

- sadias, é evidente (eu suponho)!

Estou lendo livros demais

- com bons conteúdos (imagino)!

Gosto de viajar, mas não muito

- tenho medo... compreensível?

Gostaria de andar, andar, andar... sem rumo

mas, a tibieza me barra... quase sempre!

Falta coragem para ir...

destoando das minhas ideias... faz sentido?

A fuga de mim a impedir a fuga plena.

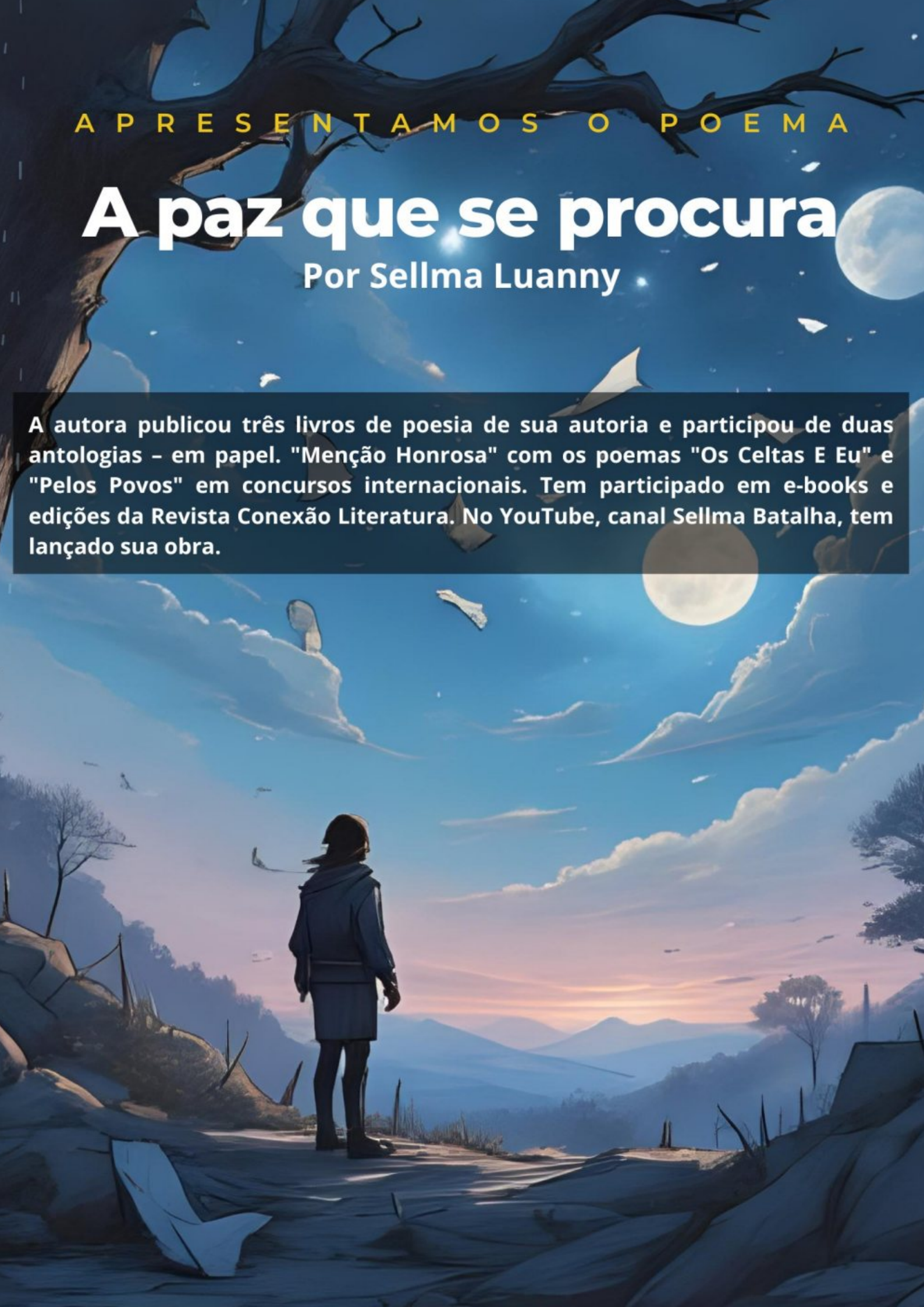


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A paz que se procura

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Por dinheiro, o verde, dilapidar...  
O rastro da destruição, disfarçar...  
Remorsos nunca ser capaz de sentir...  
e sem pesar e sem culpa, seguir.

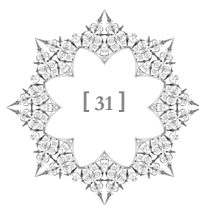
No sangue dos cetáceos, sujar-se  
sem esconder a face... mas a mastigação.  
Por lucro ou prazer, *Cecil*, o leão, sacrificar.  
Estigmatizantes carcaças, marcos de si.

Voltar as costas às próprias ações,  
E o desastre que lhe faz sombra, relegar...  
Os parâmetros do que, neste mundo,  
seria lícito e idealmente, norma, desvirtuar.

Seria razoável que, o que é cedido como vida,  
do que se depende na imprescindível coabitação  
que revela ser deste planeta, a sustentação...  
que come, palpita e respira... destruir?

Valeria a pena sobre os destroços dos seres  
que neste planeta, nasceram e não sabem do mal  
que os rodeia, dormir? A lamúria que se mistura aos  
murmúrios dos mares e terras, aos ventos, clama...

Homem... não acorde tardiamente!  
Seja do seu tempo, judicioso agente!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Indolores

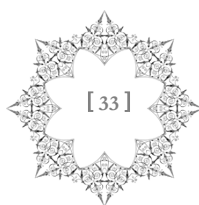
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Já vão se tornando tão comuns...  
que parecem trazer imunidade  
àqueles que à distância,  
de soslaio disfarçam o olhar...

Parece que aos recipientes da tragédia,  
apenas, está destinado o sofrimento.  
"Coitados" deles!... balbuciamos.  
E, do todo, vamos nos desligando.

E, temo que a partir do momento que,  
sem calafrios, o mal permear-nos os sentidos,  
perder-se-á do humano, a benevolência,  
perder-se-á do homem, a humanidade.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Sopinha das seis

Por Silmara Retti

A autora possui 20 livros publicados, 23 textos classificados em concursos nacionais e internacionais e 240 crônicas escritas para a abertura de um programa na rádio. Foi escritora do projeto Meio Ambiente Furnas Centrais Elétricas em Ubatuba. É autora do Projeto Literário gratuito Flow das Letras com o objetivo de incentivar a literatura em escolas e comunidades com a leitura de crônicas e poemas de sua autoria.

Instagram: @silmararettiescritora

Blog com crônicas populares: [flowdasletrasilmararettiescritora.blogspot.com](http://flowdasletrasilmararettiescritora.blogspot.com)



Vitinho e dona Martinha era o casal mais famoso da rua por suas brigas ao ar livre para toda a galera ver de perto quem mandava no “pedaço”.

Ela nem se lembrava do reumatismo e fazia verdadeiras acrobacias com o cabo de vassoura que passavam raspando no topete engomado do “maridão”.

Na verdade não tinham motivos aparentes, pois Vitinho era um pobre homem de sessenta e nove anos que não abria a boca para nada e dona Martinha parecia tão dócil com sua expressão de avozinha caridosa, muito fofa e prestativa, disfarçando toda a ira que guardava dentro de si.

— Bom dia, minha Rainha.

— Bom dia, amor.

— Como passou o dia, “vidinha”?

— Estou ótima. Sem estresse. Digo e repito: até o momento.

Só que entre eles o bicho “pegava” de tal maneira que até o olhar passivo de Vitinho lhe irritava profundamente:

— Esse olhar de “songo mongó” me irrita!

Dizia que ele era preguiçoso e que nunca gostou de colocar o lixo na rua. Depois não aguava as plantas do quintal e ainda se fazia de surdo todas as vezes que precisava comprar leite na padaria, mas para jogar dominó no meio da praça era uma “belezura”.

— Picareta! És um falso, Vitinho.

Quando o primo Bidú batia palmas no portão ele se alinhava todo, vestia a camisa de cetim e rapidamente colocava o chapéu para sair na ponta dos pés.

Ah, este era o pior motivo de todos, capaz de deixar a nobre senhora ensandecida.

Dona Martinha bufava de raiva porque o serviço da casa sempre sobrava para ela e já não tinha saúde para ficar dando brilho nos móveis até criar calos nas mãos.

— Vitinho, seu folgado!

Queria ver o dia que ficasse doente... Aí sim seria tarde demais para as suas lamúrias.

— Eu não sou eterna, Vitinho. Acorda pra cuspir!

Aquele “fanfarrão” só aparecia no finalzinho da tarde justo no horário da sopa das seis, morto de fome e querendo beliscar o caldo com o miolinho do pão. Este tipo de “ousadia” deixava dona Martinha louca da vida, resmungando com as panelas.

— Estou com Vitinho pelas tampas!

A vizinhança morria de rir com seus gritos neuróticos, desafiando Vitinho para uma briga.

— Vem quente que estou fervendo!

Ele não tinha vergonha em ficar plantado num banco da praça, jogando conversa fora sem ter ao menos cumprido suas obrigações domésticas e blábláblá!

Depois ela se fazia de vítima, com o coração partido, dizendo que ele não era mais o mesmo da época da formatura:

— Como você mudou, Vitinho! — enxugava as lágrimas de sangue — Prefere "sassaricar" por aí com o primo picareta só de butuca nas mocinhas assanhadas que passeiam pela praça, né?

Nisso Vitinho fingia não ouvir e como que se nada tivesse acontecendo, se trancando no quarto a sete chaves.

Só que a sopa das seis estava com os dias contados e, se quisesse uma, que fosse preparar. Dona Martinha prometeu aos pés da Santa que passaria a pão e água, mas Vitinho também.

Não teria mais um pingão de dó. Pronto, estava armada a encrenca. Cada um foi dormir em camas separadas e sem muita prosa. Ele ligou o radinho do quarto para ouvir as notícias enquanto ela fazia crochê embaixo das cobertas, se fingindo de morta. Ele roncava alto e ela tossia.

Ele pigarreava e ela cantarolava, espiando por rabo de olho. E assim corria tudo bem até que numa manhã de domingo, daquelas que Vitinho estaria de prontidão a espera do primo assanhado, silêncio total.

— O que será que esse inútil tá aprontando?

Dona Martinha fez barulho com os pratos, gritou com o passarinho e fez de tudo para que o companheiro acordasse, mesmo que fosse resmungando, como fazia todos os dias. Mas desta vez, não.

— Sai pra lá, Totó. — gritava para chamar a atenção.

— Conversa com a mamãe, gatinha linda! Miauuuu!

Ela caminhou até a porta do quarto, esticando o pescoço apenas para espiar melhor. Foi quando pode constatar a agonia de Vitinho que gemia de dor.

—Aiiiiiiii,aiiii,aiiiiiiiiiiiiiiiii...Uiililililil!

Começou a ficar desesperada, andando de lá pra cá feito louca. Só que era mais um golpe de Vitinho, que estava em súplicas. Ela não se conteve e escancarou a porta, perguntando:

— O que houve, Vitinho? Onde dói? Desembucha.

Ele explicava que era uma dor horrível, que vinha de trás para frente, fazendo um bolo aqui e ali... e ela gemia junto, como que se sentisse o mesmo.

— É o peito. Não, acho que é o coração, minha boneca.

— Vai mais para o canto, meu querido. Vou deitar com você.

— Me dê um beijo, glamorosa. Os seus lábios são como almofadinhas de nuvens e continuam doces como favos como a primeira vez que te beijei lá no pátio da escola.

— Vou te fazer um chamego, meu denço!

Assim permaneceram durante horas até que a vizinhança estranhou o sumiço do casal e meteram o pé no portão no maior alvoroço.

— O que será que aconteceu? Caramba, que silêncio macabro. Não teve briga e nem xororô... Esquisito!

Eles vasculharam os cômodos da casa, chamando por um e por outro.

Quando conseguiram entrar no quarto encontraram os dois abraçadinhos na cama, chorando baixinho com muito medo. Medo de se perderem um do outro, porque eram companheiros, namorados e cúmplices de um cotidiano maluco, mas que somente os dois conseguiam compreender.

Vitinho pediu um abraço e ela lhe ofereceu um café bem quente, do jeitinho que ele mais gostava e tudo foi se ajeitando.

Logo mais teria o jogo de dominó na praça, as brigas de dona Martinha, o cabo de vassoura voando longe e todo um romance que começou há mais de quarenta anos, onde apenas o amor verdadeiro consegue unir diversas emoções, fazendo de Vitinho e dona Martinha um casal cada vez mais apaixonado. E com direito a sopinha das seis, é claro.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**